

## Resenhas

### Book review

**ALMEIDA, Rogério Miranda de. Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo. São Paulo: Loyola, 2007.**

Rogério Miranda de Almeida doutorou-se em filosofia pela Universidade de Metz e em teologia pela Universidade de Estrasburgo, ambas na França. Escritor singular, produziu e publicou *Nietzsche et le paradoxe* (Presses Universitaires de Strasbourg, 1999). Na tradução inglesa, o livro foi publicado sob o título: *Nietzsche and Paradox*, SUNY Press, Estados Unidos, 2006; segunda edição, 2007. Em português, a obra foi traduzida pelo próprio autor e publicada por edições Loyola, 2005. Ainda em 2005 veio a lume, também por edições Loyola, *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*. Em 2007, a Loyola editaria igualmente: *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. Além destas obras, Miranda de Almeida escreveu e publicou diversos artigos em revistas filosóficas do Brasil e da Europa. Lecionou filosofia e teologia no Saint Vincent College, Pensilvânia, USA, filosofia na Universidade Sant'Anselmo e teologia na Universidade Gregoriana, ambas em Roma. Atualmente, é docente pesquisador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, campus Curitiba.

*Eros e Tânatos* apresenta, como temas centrais, a vida e a morte, a geração e a corrupção, a criação e a aniquilação. Neste livro, que contém trezentas e quarenta e uma páginas e quatro capítulos, o autor analisa o tema da vontade e do desejo que, segundo

ele, nascem de uma falta, de um hiato, de uma ausência e de uma tensão que são responsáveis pela vida e a morte, a geração e a corrupção ou, numa palavra, pela transformação de todos os seres. Tendo como ponto de partida os filósofos pré-socráticos e os diálogos de Platão, Miranda de Almeida termina examinando o ambivalente conceito de vontade em Schopenhauer e a questão do desejo e das pulsões de vida e de morte em Nietzsche e em Freud.

Quero destacar duas das principais teses desenvolvidas ao longo deste livro. A primeira, que é introduzida logo no prefácio, afirma que não se percebe, nos escritos dos pré-socráticos, em Platão, em Hegel, em Nietzsche e em Freud, uma síntese terminal ou uma palavra derradeira que viesse dar um sentido último às suas filosofias. Em vez disso, têm-se o *vir-a-ser* e as transmutações infinitas que, pela escrita, apontam justamente para as oposições e a incessante superação ou construção e destruição do conhecimento. A segunda tese, que está vinculada à primeira, consiste em que esses filósofos sempre buscaram manifestar a ligação, a passagem ou a mediação – que o autor denomina pela expressão “entre-dois” – que se verifica entre verdade e falsidade, entre ódio e amor, entre corrupção e geração, entre vida e morte.

No Prefácio, redigido em Estrasburgo, Miranda de Almeida descreve com elegância e precisão metodológica alguns elementos de sua trajetória intelectual. Ao mesmo tempo, refere-se aos grandes nomes da produção filosófica e teológica da Europa durante o período em que lá esteve: 1986–1993.

Evoca também a conversa que, numa tarde, tivera com Roland Sublon, na qual este observava que em Schopenhauer e em Freud não se encontra uma síntese ou uma *Aufhebung* terminal. Miranda de Almeida ajunta que, mais tarde, se daria conta de que tampouco em Nietzsche, em Hegel, em Platão, nos pré-socráticos e, em suma, em nenhum filósofo, se acha uma síntese, uma conclusão ou uma palavra que venha fechar ou arrematar de uma vez por todas a significação, que é a marca característica do filosofar.

A obra, que é composta de duas partes, se subdivide, na primeira parte, em dois capítulos: Capítulo I: Os pré-socráticos: geração–corrupção–morte–vida; Capítulo II: Platão: eros, imortalidade, mediações. No primeiro capítulo, o autor introduz, já no início, a interrogação de Agostinho quanto a saber se esta vida consiste numa vida mortal ou, antes, numa morte vital. Esta será a problemática ou o leitmotiv que perpassará não somente o primeiro capítulo, mas todas as reflexões contidas em Eros e Tânatos. Assim, esta mesma questão recorrerá, especificamente neste primeiro capítulo, na Teogonia de Hesíodo, nos fragmentos de Heráclito, de Parmênides e de Empédocles, onde o autor mostra o constante jogo e a constante inter-relação que se verificam nos pares de opostos: dia e noite, ser e não ser, ódio e amor, construção e destruição, vida e morte. No segundo capítulo, Miranda de Almeida examina o problema do amor e da imortalidade utilizando-se de sua expressão favorita: o paradoxo do entre-dois. Com isso ele quer significar a passagem, a ponte ou aquilo que liga o hiato existente entre a vida e a morte, a expansão e a retração, a agregação e a desagregação, a geração e a corrupção. É, pois, com base nesta noção do entre-dois que o filósofo argumentará que em Platão não existe uma dicotomia irreduzível entre o ser e o não-ser, nem também entre os demais conceitos platônicos que, vulgarmente, se pretendem “opostos”. Aliás, a autor evidencia que a expressão “dualismo platônico” é equivocada e lamentavelmente consagrada. “Na verdade, esta

expressão trai não somente uma falta de conhecimento do texto platônico, mas também uma miopia estúpida que só vê “oposições” lá onde, ao invés, se encontram passagens, gradações, mutações, permutações, rupturas, retomadas e inclusões” (ALMEIDA, 2007, p. 165). Consequentemente, os diálogos platônicos se caracterizam pela tentativa de se apreender um sentido que nunca se dá, pois, segundo Miranda de Almeida, os diversos sentidos são reiterados por novas conexões e novas significações que revelam, justamente, outras tantas leituras e reinterpretaciones. Nesta perspectiva, ele analisa acurada e minuciosamente os diálogos: O Banquete, A República e o Fédon. Note-se, contudo, que o essencial deste capítulo culmina, no meu entender, com a página cento e sessenta e cinco, onde se pode seguramente deduzir que não há em Platão uma dicotomia irreduzível entre o mundo sensível e o mundo das realidades inteligíveis, entre o verdadeiro e o falso, entre o ódio e o amor, entre a geração e a corrupção. De sorte que – conclui o autor com veemência – não se poderá compreender Platão se não se tiver presente o conceito de meio, de passagem, de entre-dois, ou de metaxy.

A segunda parte é igualmente subdividida em dois capítulos: Capítulo III: Schopenhauer: Vontade de vida e vontade de nada; Capítulo IV: Nietzsche, Freud e o desenrolar das pulsões. No terceiro capítulo, Miranda de Almeida deixa claro que a vontade é certamente o tema central da filosofia schopenhaueriana, mas se trata de uma vontade de vida que é também, e paradoxalmente, vontade de morte. Ele desenvolve um paralelo entre a vontade de Schopenhauer e a coisa em si de Kant, tendo, ao mesmo tempo, o cuidado de mostrar que o pensador de O mundo como vontade e representação vai além do autor da Crítica da razão pura, pois naquele a vontade se apresenta não somente como a coisa em si, mas também como um desejo cego, cuja única finalidade reside, ambivalentemente, na sua infinita e sempre recomeçada insaciabilidade.

Convém lembrar que nesta e nas suas outras obras, Miranda de Almeida retorna incessantemente aos capítulos que já desenvolvera. Em *Eros e Tânatos*, ele o faz com o propósito de realçar as correlações que, nos autores examinados, existem entre a vida e a morte, a geração e a corrupção, a construção e a destruição. Mas ele também antecipa as questões que serão analisadas nos capítulos posteriores, como é o caso, por exemplo, do quarto e último capítulo, que trata da filosofia de Nietzsche e das teorias analíticas de Freud. Acrescente-se que o significado dessa constante retomada faz parte essencial de sua escrita filosófica que, ao primar pelo rigor, a clareza e a beleza literária, seduz e envolve o leitor na dinâmica mesma da tensão do desejo e da luta dos “opostos”.

Eis porque o quarto capítulo, Nietzsche, Freud e os desenrolar das pulsões – assim como os capítulos anteriores – insiste tanto na tese de que a vida e a morte não se opõem de maneira irredutível, ou dualística. Aqui também, como nos pré-socráticos, em Platão e em Schopenhauer, não existe uma síntese ou uma *Aufhebung* terminal, pois as forças e as pulsões em Nietzsche e em Freud revelam que a destruição e a construção, a vida e a morte, o ódio e o amor não cessam de se separar e de se entrelaçar radicalmente. Assim, ao examinar a ambiguidade do conceito de nihilismo em Nietzsche, Miranda de Almeida conclui: “A peculiaridade deste movimento, ou de uma de suas modalidades, consiste justamente em desmoronar as velhas crenças e, ao mesmo tempo, criar novos valores, novas perspectivas, novas visões, novas significações, novas designações” (ALMEIDA, 2007, p. 326). Note-se, porém, que coerente com o seu questionamento fundamental, o autor não termina a sua obra, preferindo lançar, com Agostinho, a mesma interrogação que havia introduzido já no início do primeiro capítulo: “Trata-se de uma vida mortal ou de uma morte vital? Ou de ambas ao mesmo tempo?...” (ALMEIDA, 2007, p. 341).

Portanto, a leitura de *Eros e Tânatos* é recomendada não somente para alunos e professores

de filosofia, de psicologia, de sociologia e teologia, mas também para todos aqueles que se debruçam sobre a problemática do desejo, do amor, da vida e da morte, ou da vida-morte.

**Samuel Mendonça**

(Programa de Pós-Graduação em Educação  
PUC-Campinas)